



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

DIME GOMES CÓ

**HERANÇA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CLASSE
SOCIAL: CASO DOS *PEPEL* DE *BIOMBO***

Redenção-CE

2023

DIME GOMES CÓ

**HERANÇA COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DA CLASSE
SOCIAL: CASO DOS *PEPEL DE BIOMBO***

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Antropologia.

Aprovado em: 10 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Subuhana - Orientador e presidente

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Profa. Mestranda Wilma João Quade - Examinadora Interna
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Luís Tomas Domingos - Examinador Interno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Patrício Carneiro Araújo - Examinador Interno

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Resumo:

O artigo que se segue, servi como o trabalho de conclusão de curso de bacharelado em antropologia, este trabalho tem o propósito de abordar a prática de herança “hardança” na realidade do grupo étnico *Pepel*, em especial de *Biombo*. O artigo ainda busca compreender a importância da herança (*hardança*) na vida dos herdeiros e o seu impacto na formação da realidade dos *Pepel* de *Biombo*, na medida em que nos propomos a desenvolver este estudo sobre a prática de herança enquanto processo de formação da classe social, cultural e ritualística nos convida a pensar a formação da família na realidade do grupo social em estudo e a sua centralidade na família materna, que se baseia na linhagem matriarcal. Tem como objetivo compreender a importância da herança (*hardança*) na vida dos herdeiros e o seu impacto para formação de uma classe social na realidade dos *Pepel* de *Biombo*. Metodologicamente, utiliza-se da pesquisa qualitativa baseada na revisão bibliográfica para reforçar o conhecimento sobre um quadro teórico da prática cultural do povo *pepel* pouco, tendo como a base Campos, (2013); Djaló, (2013); Bâ, (2010); Beltrame, (2005), estes e outros sustentaram a nossa base teórica. Com este trabalho, busca-se compreender o processo da prática cultural de herança no seio desse povo para melhor pensar a formação família e classe social nessa sociedade como parte dos valores culturais presentes na cultura do meu povo “*pepel* de *Biombo*”.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; *Pepel* de *Biombo*; herança “*hardança*”; sistema de parentesco.

INTRODUÇÃO

O artigo que se segue, tem o propósito de abordar a prática de herança (*hardança*) na realidade do grupo étnico *Pepel*, em especial de *Biombo*¹. Na língua guineense (crioulo da Guiné-Bissau) esta prática é conhecida como *arda* (herdar)². Neste sentido, a disposição de estudar a prática de herança como forma de fazer perpetuar uma família na sua linhagem real, neste caso matrilinear, tem como objetivo compreender a importância da herança (*hardança*) na vida dos herdeiros e o seu impacto para formação de uma classe social na realidade dos *Pepel* de *Biombo*.

O artigo ainda busca compreender a importância da herança (*hardança*) na vida dos herdeiros e o seu impacto na formação da realidade dos *Pepel* de *Biombo*, na medida em que nos propomos a desenvolver este estudo sobre a prática de herança enquanto processo de formação da classe social, cultural e ritualística nos convida a pensar a formação da família na realidade do grupo social em estudo e a sua centralidade na família materna, que se baseia na linhagem matriarcal. Vale destacar que entre os *Pepel* apenas os sobrinhos maternos, filhos da irmã materna, é que têm o direito à herança.

Deve-se salientar que o grupo social em estudo faz parte de uma das etnias da Guiné-Bissau, que ainda mantém as suas práticas culturais e ritualísticas, como a prática de herança “*hardança*” que é tão viva, forte e bem presente na sua sociedade, apesar das visíveis mudanças culturais, influências e alterações impostas pela modernidade e pelo contacto com outros povos, que as vezes altera a ordem de uma certa prática ritual e cerimonial, algo que reforça a ideia de que a cultura ou a identidade cultural é dinâmica e não estática, como defendem alguns teóricos, a exemplo do Hall (2006).

A proposta de estudo que acompanha neste artigo, além de abordar a prática de herança (*hardança*) na realidade dos *Pepel* de *Biombo*, como um processo de formação da classe social, também pauta na busca de compreender a referida prática no seio do povo em estudo enquanto um aspecto cultural, sagrado e necessário na formação da família alargada e da aldeia (morança) na sociedade do povo em estudo. O trabalho ainda aponta para o resgate de memória, história e cultura do meu povo e propõe uma reflexão sobre a formação da família na realidade do grupo étnico em estudo e a sua centralidade

¹ *Biombo* é nome dado a uma das oito (8) regiões que compõem o território da Guiné-Bissau. Além de indicar a região, esse nome é usado também para denominar um dos vários povoados dos diferentes grupos que compõem a etnia *pepel*.

² *Harda* é uma expressão na língua guineense, “crioulo da Guiné-Bissau”, em especial dos *Pepel* de *Biombo* é o nome que se dá a um dos processos de formação, após o homem passar pelo ritual de circuncisão (*fanado*) e o casamento tradicional ou oficial “*k’ mari*”. Ou seja, uma vez cumpridas essas duas etapas (*fanado* e *k’ mari*) é que o neófito pode ser submetido no processo ritual de herança (*hardança*).

na família materna, ou melhor, na linhagem matriarcal.

Vale ressaltar que a prática de herança também se faz presente na realidade de outros grupos étnicos do país (*Mancanhe, Manjaco*, entre outros). Portanto, as motivações e inquietações que justificam a realização da discussão proposta neste artigo voltada para a prática de herança (*hardança*) na realidade dos *Pepel* de Biombo na Guiné-Bissau, surgiu a partir da minha experiência pessoal enquanto uma *Katandera*³ que servi os ancestrais através do rito de *Kata*⁴, pois o meu pai passou por esse processo ritual. Vale salientar que a realização desta proposta de estudo se dá por vários motivos, mas os principais são três, a saber: pessoal, acadêmico e social.

Assim, quanto ao motivo pessoal que me instigou com algumas inquietações a pesquisar sobre este tema “a prática de herança”, se explica porque o meu querido e amado pai, na sua linhagem ele era o próximo com direito a herdar do tio, mas infelizmente não durou por muito tempo no cargo de herança, porque morreu antes, e era o sonho dele a ser herdeiro do seu tio materno. Estes e outros aspectos ou casos dos sucessores que morrem antes de assumir a herança, isso me fez problematizar o seguinte: porque as pessoas são herdadas? Quem pode por direito herdar? Porque os filhos biológicos não podem herdar? Porque é que apenas o sobrinho, filho da irmã, é que pode ser seu legítimo herdeiro? Porque as vezes o herdeiro morre antes ou após assumir o trono?

Na realidade dos pepéis de biombo, os filhos do régulo não podem ser herdeiros do trono, apenas os filhos de qualquer parente do rei, neste caso da parte materna (ventre), desde que seja da mesma linhagem. O filho biológico não é da linhagem do rei e não pode herdar a aldeia (*tabanca*) do pai, porque o seu sobrinho (filho de sua irmã materna) por

³ *Katandera* de acordo com C6 Gomes, (2019), é nome dado a menina que pratica o ritual *kata* que se faz através da família matrilinear, onde uma pessoa do membro da família escolhe uma menina para servir os ancestrais. este termo ou nome é usado pela sociedade guineense para identificar as meninas escolhidas para servir aos ancestrais, através dos dois conceitos que diferenciam essa prática que são *Omai* e *Plik* ambos explicados com detalhes na obra de (C6 Gomes, 2019), nos seus escritos intitulado “*Katandera: as mulheres e os ritos aos ancestrais na Guiné- Bissau*”. Nessa prática a menina escolhida é responsável para cozinhar comida e colocar água nos lugares sagrados de contato com ancestrais.

⁴ *Kata*, segundo C6 Gomes, (2019), é uma cerimônia que é realizado na etnia pepel, mas dentro dele tem dois tipos de caráter: primeiro, quando uma linhagem está para acabar num determinado lugar ou tabanca o Irã resolve dar um sinal na família e algumas pessoas na família começa a si adoecer, ou morto acidentado ou assassinato; e segundo quando uma família que não está no mundo dos vivos dá um sinal a família passa a evitar de frequentar aquele espaço, depois alguns tempos o irã pede para aquela família materna para levar uma criança ou menina solteira para lhe servir comida, água e cachaça numa forma simbólica para servir na aquela casa neste caso vai depender da menina se ela quer ter algo efetivo com o homem que vai realizar o ritual ou não, se no caso ela quer isso já é algo afetivo, mas se ela não quiser já é algo simbólico e pode casar com qualquer pessoa com que ela deseja pode ser do mesmo grupo étnico ou homem do outro grupo étnico.

direito é considerado o herdeiro legítimo. Isso acontece porque, segundo a tradição, um homem sente mais confiança no filho da sua irmã materna, pois acredita-se que têm o mesmo sangue e os seus filhos biológicos são possuidores do sangue da linhagem materna, já que na realidade pepel, em especial de biombo, a estrutura social é de linhagem matrilinear.

Quanto a justificativa ou motivo acadêmico que influencia a realização do trabalho desta natureza numa academia como a UNILAB, se justifica além da internacionalização desta instituição de ensino e a oportunidade de recontar as nossas histórias e as diferentes realidades culturais do nosso povo nas diversas produções acadêmicas. Portanto, a realização deste trabalho também é uma forma de preservar as nossas diferentes formas e práticas culturais, como a prática de herança.

Ainda no que concerne à realização deste trabalho, a prática de herança, além de estar preservada na memória dos mais velhos, anciãos e anciãs que o Bâ (2010) considera de grandes bibliotecas vivas, também estará depositada de uma forma escrita nas bibliotecas físicas e virtuais da dita escola formal, no caso a UNILAB, enquanto um documento escrito que vai servir de um suporte teórico para a realização de outras pesquisas acadêmicas, sobre a prática cultural do povo em estudo, de uma maneira singular a prática de herança na realidade dos Pepel de Biombo.

Deve-se salientar que o motivo ou justificativa social que sustenta a realização dessa pesquisa, de uma maneira singular a prática de herança, no âmbito social será mais um material que vai ajudar na compreensão do quanto é importante a prática de herança para os Pepel de Biombo. Acredito que o ideal seria realizar uma pesquisa de campo sobre o tema, mas, por causa de limitações (financeiras e outras), optou-se por realizar a pesquisa bibliográfica.

Podia envolver uma pesquisa de campo e coleta de dados a partir de várias técnicas como entrevista estruturada com os questionários previamente elaborados, mas considerando o fato de que este trabalho é um artigo, também tem o fato da limitação geográfica, por isso só foi possível efetuar a realização deste artigo foi conduzido a partir de abordagem da pesquisa qualitativa, baseada no procedimento da revisão bibliográfica explorando as produções já publicadas sobre o tema ou a realidade cultural do povo em estudo, para melhor explicar os fatos teoricamente a partir dos referenciais teóricos já publicados.

Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um

grupo social, ou uma organização” [...]. Trata-se de um método/forma de realização da pesquisa que casa muito bem com a nossa pesquisa, tendo como finalidade estudar herança cultural de um grupo étnico Pepel.

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31).

De acordo com o autor citado, o pesquisador da qual se chama de cientista, é o sujeito e objeto do seu trabalho, porque este está munido de um certo conhecimento a respeito do tema da pesquisa, lembrando que a autora deste trabalho faz parte do grupo étnico em estudo, mas reconhecemos que para fazer ciência o conhecimento do pesquisador a respeito passa a ser parcial e limitado.

Conforme defende Lakasto (2013), a pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (LAKASTO, 2013, p. 158).

Para Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas. O autor argumenta que qualquer trabalho científico se inicia com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Por outro lado, o autor lembra que existem pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, recorrendo referências teóricas publicadas. Seria o caso da nossa pesquisa.

Sendo assim, como parte de cumprimento dos objetivos iniciais do nosso trabalho efetuamos uma busca na Unilab e em outros bancos de dados, inclusive no Google acadêmico, buscando entre trabalhos de conclusão de curso, graduação e pós-graduação, ainda se buscou trabalhos em outras revistas acadêmicas, em especial na “Abe África: revista da associação brasileira de estudos africanos”, onde encontramos um trabalho da Inaida Antonio Pires, intitulado “Onkonte Aka Epro Banha? Por que a barriga pede tanto?

Uma etnografia sobre o casamento do povo Pepel da Guiné-Bissau”, e na “Soronda: revista de estudos guineense”, publicada pelo Instituto de Pesquisas e Estudo (INEP) da Guiné-Bissau.

A sistematização da nossa pesquisa envolve um levantamento que percorreu últimos cinco anos, assim, salienta-se que foram efetuadas várias leituras, entre os quais merece destaque a obra de CAMPOS, Américo. (2013), intitulado "História da cidade de Bissau (até 1915). Durante a nossa busca, encontramos dois trabalhos de conclusão de curso na Unilab/CE, na Google acadêmico localizamos quatro trabalhos com uma atenção especial nas práticas culturais do grupo etnolinguístico em estudo.

Ainda neste trabalho apresenta-se uma breve nota histórica que vai enquadrar geograficamente o país do qual se encontra o grupo étnico em estudo. De acordo com Indafá (2020), a república da Guiné Bissau fica situada na costa ocidental da África, fazendo fronteira ao norte com Senegal, a este e sudeste com a Guiné Conacri, e a sul e oeste com o oceano atlântico, possui uma superfície de 36.125 km².

O território foi ocupado e colonizado por Portugal durante cinco séculos, até meados do século XX, quando o partido para a independência da Guiné e Cabo-verde (PAIGC) se mobilizou e pegou em armas para lutar pela conquista da sua independência. A luta armada de libertação teve o início em 23 de janeiro de 1963, durou onze anos, e terminou em 1973, ano que culminou com a proclamação unilateral da independência, declarada por João Bernardo Vieira (Nino), no dia 24 de setembro do mesmo ano em *Madina de Bôe*.

Indafá (2020) ainda complementa dizendo que Guiné-Bissau possui aproximadamente 1.800.000 habitantes e tem um patrimônio cultural muito rico e diversificado, porque conta com cerca de 30 grupos étnicos, que apresentam diferenças linguísticas e uma enorme variedade cultural no que tange às expressões como a dança, arte, tradição musical, manifestações e práticas culturais. Assim, afirmo que pertencem ao grupo étnico em estudo (*Pepel*) que representa 7% da população guineense.

A CONCEITUAÇÃO DA CULTURA

Iniciarei a discussão desse tópico abordando a categoria cultura, que para alguns teóricos ela não é fixa e assim como os rituais de passagem também não são fixos, mas sim dinâmicos, com o passar do tempo as coisas podem não ser iguais como era em anos anteriores, mas, não quer dizer que não exista cultura e nem prática ritualística no outro, cabe salientar que a cultura não é estático e existe a definição diferente de povo para povo,

sociedade para sociedade que produzem as culturas, por isso a definição da cultura se defere da visão e perspectivas de vários teóricos.

Segundo Laraia, (2004, p. 25), a cultura também diz respeito a “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Para Santos, (2006, p. 19), “Cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação” ou então de grupos no interior de uma sociedade”.

Na antropologia, o conceito de cultura se refere ao conjunto de crenças, valores, práticas, conhecimentos e outros elementos simbólicos e materiais produzidos, transmitidos e transformados pelos seres humanos em suas sociedades. Nas palavras de Cuche, (1999), ao se debruçar sobre a cultura na sua dimensão mais ampla no seu sentido etnológico, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade.

Para Cesnik e Beltrame, (2005, p. 4), A cultura é o elemento primordial que dá unidade a uma sociedade e se cria com base em relações que fazem sentido nesse contexto. Os autores ainda afirmam que a cultura define a sociedade pela capacidade que ela desenvolve de criar elementos que permitem à própria sociedade se reconhecer (CESNIK & BELTRAME, 2005, p. 4).

A cultura para nós se refere a uma estrutura física e simbólica que envolve uma relação entre os vivos e os mortos, presente nas diferentes praticas culturais entre os quais destaco a pratica de herança, na realidade do povo em estudo quando se refere a cultura ou a práticas cultural dos Pepeles, também se fala da pratica de herança que estamos no seio do povo em estudo com uma das suas práticas culturais.

Nesse sentido, Hobsbawm, (1984), ao se expressar sobre as tradições relata que ele não deve ser confundido com os costumes e chama atenção pela complexidade que a modernidade já causou e está causando as diferentes práticas culturais, portanto podemos dizer que os materiais que eram usados antigamente, hoje em dia são difíceis de encontrar, devido às influências externas, que substituíram o antigo pelo novo ou moderno.

[...] na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória. É o contraste entre as constantes mudanças e inovações do

mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável e invariável ao menos alguns aspectos da vida social que torna a “invenção da tradição” um assunto tão interessante para os estudiosos da história contemporânea. A “tradição” neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionalistas”. (HOBSBAWM, 1984, p.10).

Nessa ótica, podemos destacar que hoje em dia a realização do ritual de herança deixou de ser realizado que nem nos séculos passados. É possível perceber que houve muitas mudanças e alterações, principalmente na vestimenta. Por outro lado, tem sido comum serem convidadas pessoas de outros grupos étnico, como se fosse uma festa de aniversário. No passado era diferente, não se gastava muito dinheiro, fazia-se de maneira simbólica (*climen, em Pepel*) em comparação com os momentos atuais. O processo ritual era apenas realizado na presença de parentes, vizinhos e anciã da tabanca.

PRÁTICA DE HERANÇA

Aqui, cabe destacar a prática de herança enquanto parte da prática cultural dos pepéis em especial de Biombo como um elemento cultural desnordeado pela modernidade sendo assim, destaco algumas narrativas semelhantes ao debate acima apontado, Já teve muitos conflitos entre filhos e sobrinho motivados por questões da herança, muitas das vezes os dois lados acabam por entrar em conflito por causa dos bens deixado pelo pai/tio materno, acontecem muitos casos em Guiné-Bissau, em especial em Bissau, a capital do país, tradição cultural Pepel, por ser de linhagem matrilinear, o sobrinho filho da irmã, é que tem o direito de herdar os bens deixado pelo tio materno.

Acrescente-se, ainda, que o acesso à modernidade, de maneira ambivalente, faz com que surjam esses conflitos, hoje nem todos os bens deixados pelo tio materno são herdados pelo sobrinho, em áreas rurais (*tabancas*), onde as tradições culturais são mais preservadas, nos momentos fúnebres continua sendo normal certos objetos e bens não serem tocados pelos filhos legítimos (biológicos) do ente querido. Trata-se de objetos e bens que precisam ser devolvidos para os verdadeiros “donos”, no caso os sobrinhos maternos, que têm o direito a herdar as propriedades e bens deixados pelo tio materno.

Já nas zonas urbanas, em algum caso tem sido recorrente verem os filhos biológicos a herdarem as propriedades e bens deixado pelo pai. Isso é que me deixa inquieto, pois trata-se de uma sociedade matrilinear, mas os bens herdados não ficam com os “verdadeiros donos”, no caso, os filhos da irmã. Isso tem causado conflitos entre os filhos e sobrinhos de ente querido. Na mesma linha de pensamento, segundo Pires (2021),

na obra intitulada “Onkonte Aka Epro Banha? Por que a barriga pede tanto?” Afirma que:

O processo de sucessão e de herança dos Pepel tem como duas fortes características a questão da patrilinearidade e da Senioridade. Dessa forma, o herdeiro dos bens de uma linhagem será o filho mais velho da irmã mais velha do atual responsável pela posse dos mesmos. Caso a irmã não tenha filhos, será o filho de alguma prima ou tia, pois a posse destes bens não pode ser transferida para uma outra linhagem”. (PIRES, 2021, p. 123).

Como vimos, segundo a autora citada, os bens podem ser herdados pelos filhos da irmã ou da “prima” por parte materna, mas este caso é mais frequente depois do ritual de fúnebre. Nas zonas rurais, ou seja, nas aldeias, os bens deixados bolanha, horta de Caju, aldeia (tabanca), são herdados pelo sobrinho que tiver interesse de herdar, já que é por direito. Contudo, em áreas urbanas os bens deixados por um ente querido (pai/tio) são herdados pelo filho, o que vai contra o processo ritual tradicional, e isso tem gerado desavenças e conflitos entre os filhos e sobrinhos.

Na mesma linha do pensamento, Brown (1935), vai trazer para nós a visão dele sobre sucessão, onde o autor nos chama atenção, no sentido de não se fazerem comparações de contextos socioculturais diferentes, entre ocidente, oriente e o continente Africano. Segundo o autor, quando pretendemos compreender corretamente as leis e costumes dos povos não europeus, no nosso caso África:

Devemos ter a cautela de não interpretar nos termos de nossas próprias concepções legais, para nós, um dos aspectos mais importantes da sucessão é a transmissão da propriedade por herança, todavia em algumas das sociedades mais simples a questão quase não tem o significado algum. (BROWN, 1935, p.7).

Portanto, é sabido que por causa do tríplice herança africana (africana, asiática e europeia), muito mais pela imposição da cultura do colonizador europeu, principalmente na Guiné-Bissau, tem leis que se baseiam no modelo ocidental, acabando fazer com que sejam negligenciadas as normas socioculturais dos grupos étnico locais.

Trata-se de diálogo em ter a “tradição” e a “modernidade” que em alguns casos não dialogam entre si, já que na lei de sucessão ocidental a herança passa de pai para filho (sémen), enquanto que nos grupos étnicos locais, principalmente da etnia Pepel (matrilinear), a sucessão e herança dos bens é de tio materno para sobrinho ou primos da mesma linhagem (ventre). Essa ambivalência faz com que, em alguns casos, quando um tio que reside em áreas urbanas morre, os sobrinhos reivindicam os bens deixados pelo tio materno, bens esses que incluem casas, carros, a até a vaga de emprego deixada pelo tio, entre outros. Sendo assim, acredito que o estado Guineense deve pensar nessa

ambivalência, levando em consideração aos grupos étnicos que compõem o mosaico histórico da Guiné-Bissau. Seria melhor pensar a sociedade Guineense levando em consideração os grupos étnicos e a sociedade em que cada grupo está inserido e as suas normas preestabelecidas.

portanto, as fontes orais vão nos dizer que: *M`kau* filho de um rei de quina visitou a ilha de Bissau pela primeira vez apaixonou pelo lugar, na época ele tinha seis esposas e sobrinho filho da irmã dele, levou sete *Djorson* e deu a origem essas sete linhagens na etnia Pepel, segundo lei na etnia pepel o sobrinho que tem direito a herdar o trono quando ele não estiver vivo. Sendo assim, quando se fala no processo de sucessão do trono na etnia Pepel devemos pensar que trono seria esse, quem tem direito a esse trono e quem não tem, que caminhos devem ser percorridos durante essa jornada. Segundo Pires (2021):

O tchon de um povo representa muito mais do que a demarcação territorial de um espaço geográfico. Significa uma simbiose cultural, simbólica e essencial de um povo com um determinado território. Segundo a tradição oral de diferentes povos da Guiné-Bissau, os tchons foram cedidos ou vendidos por uma entidade divina, os Irãs Bons ou Irãs di Tchon, por meio de um contrato de sangue a determinadas djurson de certos grupos étnicos. De acordo com os termos desse contrato estas djursons devem, periodicamente, oferecer um de seus descendentes como sacrifício ao irã di tchon a fim de garantir a posse do território e a proteção dessa divindade. Dessa forma, o tchon simboliza uma união mística e de sangue entre um povo, um território e uma divindade”. (PIRES, 2021, p.117).

Nessa ótica, as fontes orais deixam claro que antigamente eram sacrificadas pessoas, para poder ter direito a uma aldeia fazia-se troca com ira “espírito o dono do lugar”, tendo ira que pede cabeça de uma menina virgem, para poder ter o direito a um espaço de terra. Mas hoje em dia não são vistas essas práticas, mas o que existe é sacrificar os animais, para ter acesso à terra “*tchon*⁵”. Vale lembrar que nas sete linhagens da etnia Pepel citadas têm o direito à sucessão do trono na aldeia (*tabanca*).

Neste caso, cada membro de linhagem pode ter a sua própria aldeia (*tabanca*), mas para ser o rei (*nlin*) só pode ser entre membros da linhagem (*Djorson*) *Djagra*, pois apenas membros dessa linhagem é que têm o direito de ir aos encontros, aos comités de *tabanca* e resolver conflitos se houver. Essa mesma linhagem tem o direito de decidir o

⁵ *Tchon* é o termo ou território usado na língua crioula da Guiné-Bissau, que tem como o significado na língua portuguesa Terra. *Tchon* para nós Pepel em especial de Biombo, é mais que um simples terreno porque representa a nossa essência de pertence e presença de todos os nossos antepassados e ancestrais, simbolicamente ele representa para nós um legado memorial que representa a passagem de varias memorias ancestral que um dia viveu e ainda vive de uma maneira simbólica entre nos vivos em um determinado espaço ou território que carrega simbolicamente a memoria dos vivos e mortos.

ano, mês e a data que o ritual de circuncisão (*fanado*) deve acontecer na linhagem *Djagra*, que é do rei. No que diz respeito ao ritual de *toca tchur*⁶, são os filhos do falecido ou parentes da linhagem do mesmo (irmã, sobrinho e outros) que têm a autonomia de marcar a data e o ano que pretende realizar o ritual, tudo isso vai depender de meios financeiro dos parentes. Os familiares avisam para o rei com o intuito de ter acesso ao *bombolom*⁷ (elo traves do qual estabelecemos uma comunica entre os vivos e mortos) para realizar esse ritual e, no final do ritual tem que tirar uma parte de carne de gado servida e levar para o trono do reino como uma forma de agradecimento.

Acrescente-se, ainda, que quando o mais velho morre ou melhor, o rei morre o ritual acima referido (*Toca tchur*), mesmo que em vida a pessoa tenha sido cristã (católica ou evangélica, entre outras igrejas de matriz cristã), a família faz questão de realizar o ritual. Como do costume, prepara um funeral digno, que inclui o ritual de *toca tchur* e demais rituais de passagem que devem ser realizados para o parente falecido. Nessa linha do pensamento, segundo Campos, (2013).

Em vésperas de morrer e, portanto, em final de reinado, estes problemas já não tinham tanta importância e ele decidiu batizar-se, no dia 4 de fevereiro de 1696. No dia seguinte, faleceu Bacampolo Có, rei de Bissau. Como última vontade, pediu que lhe dessem uma sepultura cristã. Este desejo não foi acatado e ele veio a ser enterrado como os seus antepassados, sendo realizadas as cerimónias do costume. Este facto demonstra que o seu batismo não tinha sido do agrado dos seus súbditos. (CAMPOS, 2013, p. 20).

Sendo assim, Campos nos mostra claramente que mesmo que a pessoa se converta, quando morre a família faz o ritual fúnebre de acordo com os costumes da etnia *Pepel*. Se o ritual de passagem não for feito como deve ser, os familiares é que pagam no futuro, com consequências desagradáveis, principalmente a família materna. É notável que isso faz com que os súditos não levem em consideração o batismo do rei e realizam o ritual fúnebre de acordo com os costumes locais, seguindo a regra tradicional.

Por isso, a criança desde na barriga da mãe, os pais começam já a fazer ritual para que chegue no mundo de uma forma sã e saudável. Por outro lado, a mãe da criança já

⁶ *Toka tchur* é um ritual que se faz para honrar a memória de parente falecido, no qual utilizam alguns instrumentos musicais tradicionais como o *Bombolom* e etc. No mesmo ritual, são sacrificados os seguintes animais: boi, porco, cabra e galinha, acompanhados de variadíssimas bebidas.

⁷ Tambor falante ou *bombolom*, conhecido na língua *pepel* como “*Kumbumbulun*” ele é utilizado em momento necessários para comunicar com os mortos e vivos e transmitir mensagem a outras tabancas, morança ou aldeias próximos e distantes, comunicando o início da cerimônia de circuncisão, contar a morte de um certo indivíduo informando a hora, local e nome da linhagem das famílias do falecido, em outras palavras pode se dizer que o toque de *Kumbumbulun*, não só passa a mensagem também, estabelece uma relação com os nossos antepassados, os ancestrais e os vivos.

sabe que a linhagem dela vai aumentar, já que os *Pepel* são de linhagem matrilinear.

A criança desde a sua nascença até na fase adulta tem certos ensinamentos que os pais ensinam para os filhos. Trata-se de ensinamentos que a pessoa leva para o resto da vida. Vale destacar a educação tradicional, que tem como propósito ensinar a criança a forma como deve se comportar no seio da sociedade, levando em consideração seu grupo étnico e cultura, jeito de falar com as pessoas mais velha, jeito de comer na cabaça.

Durante as refeições não pode ser o primeiro a tirar peixe ou pedaços de carne da cabaça/prato, a não ser que seja autorizado por alguém que seja pessoa mais velha. Quando os mais velhos estão falando não pode interromper no meio da conversa, não pode deixar os mais velhos ficar de pé, sem lhe oferecer uma cadeira para ele/a sentar, entre outros ensinamentos.

Sendo assim, quando se fala da educação tradicional na etnia *Pepel* não podemos deixar de lado os processos rituais, as cerimônias, porque isso faz parte do modo de viver, de se comportar perante a sociedade. Durante a realização do ritual de circuncisão (*fanado*), por exemplo, os mais velhos é que transmitem os ensinamentos para os mais jovens (*neófitos*). Lembrando que é o rei que marca o ano, mês e a data em que vai ser realizado o ritual de circuncisão. Quem escolhe a vestimenta – menos a roupa vestida no primeiro dia do *fanado* -, e define o quantitativo de animais a serem sacrificados é a do neófito.

São os mais velhos, neste caso os instrutores e padrinhos (*lambes*), que já passaram pelo rito de passagem (*fanado*), que vão passar os ensinamentos, a forma de se comportar como pessoa “adulta”, assim como se comportar perante os *lambes*. É importante saber que os pais ensinam certas coisas em casa, mas na cerimônia os *lambes* fazem questão de repetir tudo para os *recém-iniciados (fanados nobo)*.

Acrescente-se, ainda, que na etnia *Pepel*, a cerimônia de circuncisão é o ritual de iniciação mais importante e sagrado na vida de um homem *Pepel* porque se um homem não passar nesse processo ritual, que é a última etapa de formação, não pode se casar ou fazer a cerimônia de (*k'mari*) como manda a nossa tradição.

É interessante ressaltar ainda que para um homem ter a sua própria aldeia (*tabanca*) exige coragem, responsabilidade, conhecimento, e uma boa relação com os anciãos de aldeias, que inclui Régulos e uma consulta aos oráculos que vão invocar grandes espíritos ancestrais, que possam colaborar na materialização do projeto. As entidades citadas são as que vão te orientar melhor para a realização do ritual, às divindades que devem ser invocadas e os animais que vão ser sacrificados em cada

templo (baloba).

Sabe-se, por outro lado, que durante essa trajetória a mulher sempre estará do lado do marido, ajudando a preparar a comida e as oferendas reservadas para os espíritos dos ancestrais. Também é sabido que na etnia *Pepel* a herança (hardança) não vem da idade, mas sim vem da coragem e ousadia para assumir o cargo. Como vimos em parágrafos anteriores, é o sobrinho que tem o direito à herança do cargo e bens do tio materno.

BREVE HISTÓRICO DA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS PEPEIS

Cabe nesta abordagem da organização social do grupo social chamado de *Pepel* na Guiné-Bissau, eles são um dos grupos étnicos que constitui o mosaico cultural guineense, cabe salientar que não existe só um tipo de *pepel* ou melhor os Pepeles não ocupam só a região de *Biombo* onde está focado o nosso estudo, mas sim eles também se encontram em outras regiões e lugares do país.

Descrever a tipologia ou fragmentação de *pepel* não é o nosso foco, mas mesmo saliento que além de *Pepel* de *Biombo*, também existe *Pepel* de Bissau, de *Safim*, de *Bijimita*, de *kiset*, *Prabis* e os de *Quinhamel* é importante registrar que entre eles, existe algumas diferenças e práticas específicas na realização do ritual que existe em um e não nos outros com o ritual *kata*, por exemplo *Pepel* de *Biombo* a menina antes de ter filho ou filha que pode ser *Katandera* enquanto que *Pepel* de Bissau pode ter filho depois passar por ritual, vale ressaltar que outros grupos sociais existem no país só a etnia *Pepel* que pratica esse ritual.

Gomes (2013) afirma que os *Pepeis* foram os primeiros a habitar a ilha de Bissau, a tradição oral registra que passaram a habitar nesse território inicialmente através de um jovem chamado *Munkaú*, que era filho do rei de *Quinara*, uma das regiões que compõem o território guineense, conhecido como bastião da etnia *Biafada*. De acordo com Campos (2013), a origem da linhagem dos *Pepel*, segundo a tradição oral, se dá nas ilhas de Bissau.

Segundo esta tradição, *Mecau*, filho de um rei de *Quinara*, andando à caça, chegou à ilha de Bissau. Gostou muito do lugar e resolveu aí instalar-se. Trouxe, depois as suas seis mulheres e também a sua irmã mais velha, já casada. A irmã garantia-lhe a sucessão, de acordo com o costume, segundo o qual é o sobrinho, filho da irmã mais velha, e não o filho do rei, quem sucede ao trono. *Mecau* seria, pois, o primeiro rei de Bissau. Da sua irmã e das seis mulheres ter-se-iam originado as sete gerações (clãs) da etnia *pepel*. (CAMPOS, 2013, p.11).

Quando o *Munkaú* chegou à ilha de Bissau, encantado com um espaço diferente com o dele, decidiu se mudar para esta ilha com sua família, levando consigo as suas seis esposas e a sua irmã mais velha que, por sua vez, estava também na companhia do seu marido para lhe garantir herdeiros legítimos, já que na etnia Pepel, o sistema de parentesco é matriarcal e prevê que o filho da irmã mais velha (que é o sobrinho no caso) tem o direito à herança/sucessão do trono. Ainda de acordo com Campos (2023), as narrativas locais dão conta que sua irmã e as suas seis esposas deram origem às sete “djorsons” (clãs) da etnia Pepel.

Dentro da sua estrutura matrilinear (ressaltando que a etnia pepel é de linhagem matriarcal como já apontei, esse grupo étnico tem a particularidade representada em diferentes clãs. Cada uma simboliza e representa um animal (totem)cujo nome se serve de sobrenome a essa da família. O clã de *Bassassum*, por exemplo, representa o sobrenome *Nanque* (a onça).

Este clã, que é também o dos nobres, utiliza, igualmente, o sobrenome *Ié*, pois, na tradição, acredita-se que pessoas com esse sobrenome sempre são bravos iguais a onça, razão pela qual exercem, politicamente falando, funções de comando (os reis, denominados de *Djagras*). O clã de *Djagras*, como já mencionado anteriormente, é escolhido no meio de outros clãs para ocupar a posição dos nobres e é dado o poder de governar e se comunicar com os ancestrais e os sobrenaturais de outros clãs, como o de *Bossutchu*, cujo apelido é *Djú* (urso-formigueiro); o de *Bossafinté* cujo apelido é *Té* (o lebre); o de *Bossó* cujo apelido é *Có* (o sapo), estes dedicam-se ao cultivo e estão sempre imersos na água e na lama, razão pela qual são chamados de sapos; o de *Bodjukumó*, denominados de *Cá* (a hiena).

Pessoas dessa linhagem (Cá) são conhecidos como valentes guerreiros com suas manias de atacar o inimigo igual à hiena. O clã de *Baíga*, o de *Sá* (antílope), faz-se notar pela sua graciosidade e sua elegância à imagem do antílope (“frintambá”, em crioulo) e, por último, o clã de *Botat*, denominados de *Indi* (macaco), pois tornaram-se mestres na extração de vinho de palma e, para realizar esse serviço, adotaram a mesma tecnologia usada pelos macacos para subir em qualquer árvore (DJALÓ, 2013).

Tais considerações apontam que as pessoas conseguem saber que são parentes através da linhagem, por outro lado, conseguem saber qual linhagem podem se casar e em que aldeia (tabanca) têm o direito da herança. Esses conhecimentos são transmitidos para os mais novos através dos mais velhos e os anciãos das aldeias. Com essas considerações, fechamos as nossas observações e contribuições no que se refere à herança como

processo de formação da classe social na realidade dos *Pepel* de *Biombo*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como propósito compreender a importância da herança (*hardança*) na vida dos herdeiros e o seu impacto para formação de uma classe social na realidade dos *Pepel* de *Biombo*. O interesse em estudar a herança como processo de formação da classe social na realidade dos *Pepel* de *biombo* se dá a partir da minha experiência pessoal, vivida no seio da nossa família, porque o meu pai passou por esse processo ritual da herança (*hardança*).

Com a realização desse trabalho, acabo compreendendo os fatos e conhecimentos que não conseguia alcançar ou adquirir, enquanto *Pepel* e membro presente de um grupo de mulheres, no caso “*Katandera*”, considerados sagrados e importantes por estabelecer uma relação entre os vivos e mortos através da prática de *Kata*. Saliento que me fez ter mais compreensão sobre as questões que envolvem as práticas tradicionais da minha cultura e as complexidades externas que afeta direta ou indiretamente o cumprimento da tradição cultural. Entre os quais, destaca-se a compreensão de porque os filhos biológicos não devem herdar os bens dos pais quando morrem, e sim os sobrinhos - filhos da irmã materna. Isso se dá porque na tradição dos *Pepelis*, em especial de *Biombo*, os filhos não herdam dos bens deixados pelos pais porque eles não são da mesma linhagem (ventre), mas o filho da sua irmã materna sim.

O estudo ainda aponta que hoje em dia, tendo em conta o grande impacto das mudanças culturais, da modernidade e das influências externas ao povo *Pepel*, nem todos os bens e poder deixados pelo tio materno são herdados pelo sobrinho, até em áreas rurais (tabancas), onde as tradições culturais são muito mais preservadas. É preciso considerar também que o trabalho, ainda, espelha a discussão que aponta para os impactos da modernidade que alteraram o curso normal dos processos rituais e seus simbolismos, que envolvem a prática de herança (*arda*) na tradição cultural dos *Pepeis*. Atualmente os filhos entram em conflitos com os sobrinhos que, de acordo com o direito tradicional, eles são herdeiros legítimos de todo bem e poder deixado pelo tio.

A pesquisa ainda chama atenção para as mudanças drásticas que se fazem presente hoje nas práticas culturais e nos processos rituais dos *Pepeis*, em especial de *Biombo*, apontando para o fluxo de pessoas “estranhas” durante a realização dos rituais, visto que hoje é comum convidar para estar presente no dia marcado para a cerimônia da herança (*arda*) pessoas de outros grupos étnicos, como se fosse uma festa de aniversário,

fato que no passado era diferente, não se gastava muito dinheiro, fazia-se de maneira simbólica (*climen, em Pepel*).

Entretanto, o meu comprometimento com a realização deste trabalho está além de uma simples contribuição acadêmica, que de alguma maneira possibilita a divulgação e preservação da prática cultural do meu povo, além da oralidade, porque estão escritos alguns aspectos dessa prática guardada por meio da escrita. Vale destacar ainda que me sinto comprometida com esse trabalho, como forma de contribuir para a emancipação da minha geração e das gerações vindouras sobre o respeito e preservação das tradições culturais herdadas dos antepassados, em especial a prática de herança (*hardança*), porque segundo a tradição, os bens e o poder deixados por um pai, de acordo com a tradição Pepel, pertencem ao seu sobrinho da linhagem materna (ventre).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

- BROWN, A. R. **Sucessão patrilinear e matrilinear**. 1935.
- CAMPOS, Américo. **História da cidade de Bissau (até 1915)**. Bissau: Rebordosa, 2013.
- CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. **Globalização da cultura**. Barueri: Manole, 2005.
- CÓ, Gomes, Dime. **katandera: as mulheres e os ritos aos ancestrais na Guiné-Bissau**. Acarape, CE, 2019.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.
- DJALÓ, Tchernó. **O mestiço e o Poder: Identidades, Dominações e Resistência na Guiné**. Editora: assírio Bacelar, 2ª Ed. Lisboa 2013.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAMPATÉ BÂ, Amaduo. A tradição viva. In KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África: metodologia e Pré-história da África**. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 167-212. <http://www.pucsp.br/ecurriculum>.
- INDAFÁ, Rugana; LIMA, Ivan Costa. **Educação e Religiões de Matrizes Africanas: Bases teóricas e civilizatórias o trato das relações étnico-raciais**. Centro cultural de expressão Ruth Cardoso- Maceió, 2020. Disponível:https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA5_ID3623_31082020104957.pdf.

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2013.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.

PIRES, Inaida Antonio. **Onkonte Aka Epro Banha? Por que a barriga pede tanto?** Uma etnografia sobre o casamento do povo Pepel da Guiné-Bissau. *AbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, v. 6, n. 6, 2021.

SANTOS. José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110).

SUBUHANA, Carlos. **A Circuncisão Como Rito de Passagem na Problemática da Cultura Moçambicana: Os Casos da Cultura Yao e da Igreja Católica (inculturação)**. 2001. 131 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Sociologia) – IFCS/PPGSA/UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.